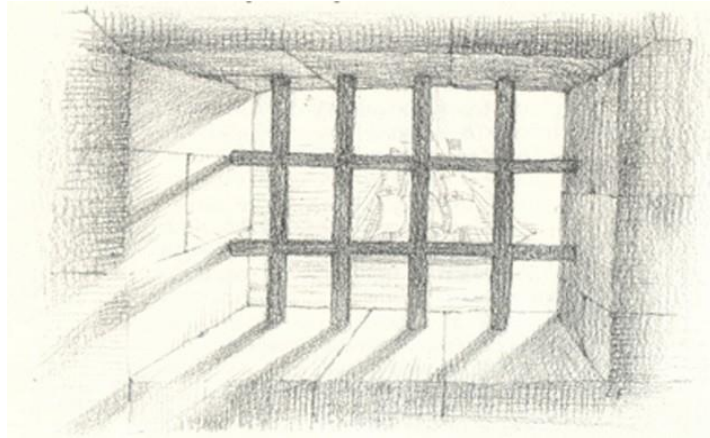


Capítulo 5- O Monge e o carcereiro.



Introdução.

A proposta aqui disponibilizada constitui o capítulo 5 do livro intitulado: “7 contos de sabedoria” A obra se encontra na fase daqueles incontáveis ajustes a fim de que atinja sua fase final de publicação. Na aparente estrutura simples de um conto estão condensados princípios e verdades universais de inesgotável abrangência ética e moral. Sendo o próprio Direito um conjunto de normas eminentemente éticas embora dotadas de normatividade; assim nada mais legítimo e conveniente para esse espaço de elevada visão científica, democrática participação e promoção cultural. Por tal razão e em face do delicado momento, decidimos por sua providencial antecipação. É tempo de nos transformar e para as coisas melhorar, é só cada um de si, o melhor, resolver compartilhar.

O MONGE E O CARCEREIRO.

Autor: Flávio Cristiano Costa Oliveira. Mestre em Direito Constitucional e Delegado de Polícia pelo Estado do Piauí.

O decreto real afixado às portas de todo o reino era um explícito lembrete do absolutismo e da potestade, de um ego imperador que a todos considerava, submissos de sua auto e divina majestade.

Toda religião, ciência ou filosofia apenas manteriam seus atributos se estivessem de acordo com as prescrições da visão imperial.

Capítulo 5- O Monge e o carcereiro.

O povo era tratado de forma indigna e repressiva. A grande prisão abrigava, em sua maioria, assassinos e ladrões, mas também servia de ergástulo para os divergentes políticos e filosóficos.

Não fosse pela sua condição de homem santo, o velho monge já estaria decapitado. Para a sorte deste, o imperador era supersticioso e acreditava firmemente no mau augúrio ocasionado pela execução de profetas, mestres ou santos.

Aquela era a sétima vez que o monge era preso, simplesmente por ter feito discursos públicos discordando do dogmatismo estatal e ter exortado às pessoas a protestarem de forma pacífica.

O monge acreditava na força do apego à verdade e na renúncia de qualquer forma de violência, seja mental, verbal ou física.

Foi justamente no meio da cela escura e fétida, quando o monge apascentava e ensinava o *Sanata Dharma* que o rústico carcereiro irrompeu em incontida incompreensão:

- Como assim, estamos todos presos aqui? Pelo que vejo, eu sou um carcereiro e estou livre aqui do lado de fora e vocês, presos, estão trancafiados no interior da cela.

Serenamente, o monge enrolou uma das pontas do hábito laranja em seu braço esquerdo e a verdade, com o carcereiro, passou a partilhar:

- Escute com atenção meu nobre senhor. A prisão que se percebe com os cinco sentidos é somente uma pequena porção dos limites da verdadeira prisão.

- A prisão de verdade é muito mais abrangente, porque se estende sobre tudo aquilo que nossas mentes e sentidos podem perceber, desejar ou fruir.

- Na cultura do oriente tem o nome de Maya e todos os egos lhe são prisioneiros.

- Maya é um poder ilusório e emana do próprio Absoluto que a manifestou juntamente com a criação.

Capítulo 5- O Monge e o carcereiro.

- Ela faz parte da inteligência do próprio processo criador, pois se o Absoluto é a única verdade, se não fosse pelo poder de Maya nós teríamos 02(dois) absolutos.
- Maya é criação do próprio Absoluto.
- O Um do absoluto para se manifestar aparentemente como muitos, se usa da mágica da ilusão e quem vive no mundo manifestado que é feito de dualidades, contrastes, divisões, limitações e relatividades, também é escravo dessa prisão.
- Assim a grande prisão engloba a própria natureza, o mundo dos fenômenos, sempre em fluxo transitório como antíteses da imutabilidade divina.
- A grande função de Maya é tentar desviar do homem a atenção, do absoluto para a matéria, da realidade para a ilusão de que, em verdade, não se esteja trancafiado em uma grande prisão.
- Ela é a cortina da transitoriedade, o incessante vir a ser da criação, o véu que cada homem deve levantar para perceber os limites das grades de sua limitação.
- Atrás do véu está a verdadeira verdade e com ela as sete chaves da liberdade que podem lhe livrar das garras da prisão.

O carcereiro boquiaberto e com olhos arregalados levantou-se da cadeira e bradou com devoção:

- *Vade retrum* seu monge, não creio nisso não, sai pra lá que eu sou cristão!

O monge com semblante de sorriso contido, mas com doce paciência continuou sua pregação.

- Pois daquilo que nos falou Krishna de forma igual nos falou o Cristo.
- Naquele tempo tinha a rota da seda, cheia de serventias, todo mundo queria ir para a Índia por causa das especiarias.

Capítulo 5- O Monge e o carcereiro.

-Até uma terra chamada Brasil, só foi descoberta por Cabral, porque por ordem do Rei de Portugal, se deveria ir para essa maravilha do oriente montar uma feitoria para negociar com muita gente.

- E também não se esqueça que quando o menino iluminado nasceu, 03 (três) homens santos do oriente seguiram por essa mesma rota para lhe saudar e lhe presentear.

- Os livros sagrados se referem à Maya como sendo a fonte de toda mentira, na qual não há verdade, porque quem a ela se apega, tem por objetivo a satisfação de seus desejos.

- Maya e seu mundo irreal de formas, cores, luzes, aromas, sons, sabores, sensações é tal qual o rugido de um grande leão que a todo instante procura insensatos e não vigilantes que desejem se perder nas teias do sexo, das bebidas e do poder mundano.

- Não está dito: “ lembrai-vos dos presos como se estivésseis presos com eles”? Em, em verdade, não estamos todos nós cativos aqui, na aridez do deserto da matéria?

- Vamos organizar as coisas numa perspectiva bem poética: primeiro, estamos todos numa grande prisão, segundo, somente a verdade nos libertará desta desfavorável situação.

- No âmbito desta prisão temos vários tipos de presos: temos presos que fazem caridade, temos presos que estudam os livros sagrados, temos presos que seguem rituais, presos que entoam hinos, presos emotivos, presos ascetas e presos agnósticos que sequer creem nas grades da limitação.

- Você pode cozinhar para todos, distribuir parte de seu dinheiro ou de sua comida, estudar noite e dia, seguir os rituais, cantar belas canções, sentir belas emoções, fazer sacrifícios, economizar ou não acreditar em nada disso, mas sempre permanecendo no interior de uma grande prisão.

Capítulo 5- O Monge e o carcereiro.

- Você pode inclusive receber visitas, presenciais ou virtuais, de ilustres visitantes que de longe virão, com encorajadoras mensagens do mar além, mas até mesmo estes, de alguma forma sutil serão, presos iguais a você.
- Você pode até decidir seguir o caminho de cumprir sua pena. Mas a pena leva tempo e pode acontecer de chegado o momento de viver a liberdade tão esperada, você seja convidado pela morte a se retirar.
- Aí, inclusive poderá ir parar numa prisão mais sutil feita de energia ou de pensamentos. Ainda mais difícil de te despertar o teu descontentamento.
- E mesmo que saia vivo da prisão as portas abertas para ti serão um convite para permanecer do lado de fora na mesma situação.
- Maya é muito sutil. Jamais mexa com ela. O próprio discernimento com que pensa dar-lhe combate já está infectado pelo espírito de contradição que dela provém.
- As grades de uma grande prisão é como se fosse um numeroso exército de inimigos ofensores.
- Mas contra sangue e contra carne o homem da luz não luta, pois no meio de tanta labuta você há de cansar, desistir e fracassar.
- Não imite Dom Quixote de La Mancha sempre disposto a guerrear contra seus aparentes ofensores, foque em seu interior e lá encontrará, bem escondido, o tesouro, a pérola oculta e, até mesmo aquilo, que jamais poderá ser ofendido.
- E encontrando no seu interior o reino de paz e bem-aventurança, que não se baseia em observância, você se tornará puro igual a criança e ninguém mais poderá vos ofender.
- Assim, sem ter desferido golpe ou mesmo tiro, de uma só vez você terá vencido aquilo que roubava tua serenidade e obstruía tua consciência, agora cheia de paciência, para do cativeiro se despedir.

Capítulo 5- O Monge e o carcereiro.

- Da mesma forma se me ouvir todos desta cela poderão partir sem grades ou tijolos derrubar.
- Pela vida o homem-ego mau geme por detrás das grades de ferro e o homem-ego bom sorri detrás das grades de ouro, mas ambas são grades, sejam de ferro ou sejam de ouro, seja por viciosidade, seja por virtuosidade, são grades de uma grande prisão.
- São muitos os escravos do desejo por fama, pelo lucro, pelo poder, pelas bebidas e pelo sexo. Esses presos estão sempre transmigrando, indo e vindo ao mundo, sujeitando-se a sofrimentos e ciclos eternos.
- Se isso que o monge fala é de fato verdade, por que ninguém enxerga as grades e os muros dessa prisão?
- A maioria não pode constatar isso porque a alma identificada com a saga humana do ego esquecida de sua origem divina , tal qual o filho pródigo se habituou a viver cativa com os seres da natureza, habituados com a forma, a linguagem, aos sons, aos pensamentos, às ações, aos desejos, sentimentos, sofrimentos e às emoções.
- A maior parte das pessoas é incapaz de ouvir o som do silêncio e de perceber que estamos numa prisão existencial. Se você conseguir ver as coisas mais pela essência, passará a ver os limites da realidade, do jeito que ela é.
- Difícil aceitar que vida é prisão.
- Só para clarear um pouco mais as idéias na mente do augusto carcereiro, tomarei como exemplo a geração da vida.
- Assim, através do óvulo e da semente paterna surge o feto. A bolsa amniótica parece com uma prisão da forma e mesmo quando você nasce, você não escolhe acerca do nascer, não escolhe a família na qual nascerá e a vida fora do útero se dá numa prisão feita de pele, sangue, ossos e desejos.
- Ademais, durante a vida se submete a um ciclo de doenças, velhice e morte.

Capítulo 5- O Monge e o carcereiro.

- Sabe que eu não tinha parado para pensar sobre isso. Faz todo o sentido. E o que o santo monge pretende fazer a respeito?
- Primeiro, pretendo conferir aos presos daqui autoconhecimento e autorealização, a fim de que eles mesmos possam se livrar do jugo do ego e dos laços e das sombras dos ciclos de vida e de morte.
- Pretendo ensiná-los a fazer o esforço mental para distanciá-los do corpo e da mente, tornando-os os observadores silenciosos do próprio Eu. Pois somente aqueles que se abrigam na percepção do Absoluto conseguem se libertar do poder cativante da ilusão.
- Tudo não passa de um espetáculo, não mais que luz e sombras. A única realidade é o foco imutável que gera essas imagens.
- Com todo o respeito senhor monge, acho impossível o senhor conseguir domesticar esses ladrões e assassinos que estão encarcerados aqui. Eles são perigosos e têm uma essência má. São uma causa perdida.
- Escute nobre carcereiro: é necessário entrar e sair do mundo sem se manchar, libertar-se do mundo sem se afastar do mundo. Julgue menos as pessoas, pois nutrir repúdio pelos indignos nos torna indignos também. Se Deus é um e múltiplo ao mesmo tempo, existe uma fração de Deus dentro de cada um de nós, devemos, então, cultivar a mansidão, o respeito e a tolerância uns para com os outros.
- Eu por exemplo, sou um assassino de egos e ladrão de desejos, por isso estou preso aqui.
- Ora Monge o senhor é um santo, não sei como ainda está vivo no meio dessas feras.
- É que no silêncio eu escuto todos os sons e no vazio eu abraço todas as formas e vejo que essas feras são, na realidade, sementes de homens bons e amáveis, futuros monges. Você somente se libertará dos laços que escravizam a alma se aceitar a doação, a devoção e o respeito profundo pelos seres.

Capítulo 5- O Monge e o carcereiro.

- O dedicado carcereiro já ouviu falar sobre os 13 atributos da divindade que todo seguidor do caminho deve buscar?

- Não.

- São eles: 1- tolerância frente ao insulto, 2- paciência em suportar o mal, 3- perdão a pronto de apagar o mal sofrido, 4- identificação total com o próximo, 5- ausência completa da ira, 6- misericórdia a ponto de lembrar apenas as boas qualidades do seu algoz, 7- eliminar qualquer traço de espírito vingativo, 8- esquecer o sofrimento infligido pelos outros e lembrar o bem, 9- compaixão pelos sofrimentos sem julgá-los, 10- correção, 11- misericórdia além da letra da lei com o bem, 12- ajudar o iníquo a progredir sem julgá-lo e 13- lembrar todos os seres humanos sempre da inocência da infância.

- Esses atributos são realmente divinos, pois são impossíveis de seguir.

- Algo que poderá ajudar muito ao senhor carcereiro, seria desenvolver o hábito de sentar, esquecer e respirar. Reunir a fragmentação da vida na unidade da quietude, onde a matéria e as grades da prisão são dissolvidas. Ai você poderá escolher o lugar, a forma e o momento que bem entender.

- Deixe-me ver se entendi bem? O senhor estaria falando em nos libertarmos da ilusão do tempo, do espaço e do desejo?

- Estou impressionado! Isso mesmo. A liberdade pode ser encontrada no vazio, não no vazio insensato que nos inquieta, apavora e ilude, mas naquela perspectiva de vazio que ao mesmo tempo está pleno do eterno, do uno e do absoluto que nos conforta e liberta.

- Além da imanência transitória e mutável de Maya, na transcendência do ciclo da vida e da morte. Na dimensão onde tudo se encontra em forma de potência, podendo vir a ser manifestado, na pura consciência do Absoluto, além da criação manifestada, além das formas, do espaço, do tempo, dos nomes, das personalidades, do desejo, dos conceitos, das idéias, das linguagens e dos signos, ondes os santos comungam com Deus.

Capítulo 5- O Monge e o carcereiro.

- Quem nunca conheceu esta eterna morada, sobe e desce pela escada, pensando que a vida está contida nos degraus que compõem os limites de uma escada estendida.

-Mas aquele que, em plena prisão, luta bravamente por sua liberdade, se tombar em combate ganhará o céu. Mas se vencer essa grandiosa guerra será feito coluna do templo de Deus e conquistará glória eterna.

- Meu bom monge, o senhor é a única pessoa que eu conheço capaz de dedicar seu precioso tempo com essas almas perdidas.

- O nobre carcereiro sabia que a prática da meditação transcendental pode gerar um efeito que pode se estender sobre grandes populações. Seu princípio é baseado no fato de que quando a meditação fosse praticada por 1% de uma população, a paz produzida no interior dos meditadores é espalhada pelo grupo reduzindo violência e crimes.

- Aqui, por exemplo. Eu sozinho meditando, serei capaz de transformar a vida de 99 detentos.

O carcereiro retraiu os lábios e fez expressão de desapontamento e a má notícia começou a falar:

- Meu bom monge, sua visão é tocante e magnífica, mas pra lhe dar não tenho boa notícia é que o imperador já nos ordenou a sua libertação, que já não demora muito não, pois o povo que lhe segue cheio de devoção, desde o dia da sua prisão, parou o reino lá fora, e por onde se passa agora só se vê jejum, rosas, pranam e meditação.

O monge com um sorriso jovial respondeu:

- Da mesma forma que entrei não vou sair, aqui a todo momento cercado de almas irmãs a cada instante que passou sempre mais eu aprendi.

-Entretanto, eu tenho a consciência de que em breve retornarei, mas, tendo plantado no coração dos homens a semente da transformação, dentro de pouco

Capítulo 5- O Monge e o carcereiro.

tempo, estarei regressando, não para uma triste prisão, mas para um belíssimo e pacífico campo de meditação.

FIM.